

DAVI ARRIGUCCI JR.

*HUMILDADE,
PAIXÃO E MORTE*

*A POESIA DE
MANUEL BANDEIRA*

2ª edição


COMPANHIA DAS LETRAS

COMPANHIA DAS LETRAS
EXEMPLAR DO PROFESSOR

ABERTURA

ARGUMENTO (O MITO)

Um dia, no início do século, um mocinho dentuço, porém simpático, filho bem-criado de uma família tradicional de Pernambuco, veio estudar arquitetura em São Paulo. Sofreu uma hemoptise e teve de deixar os estudos e os sonhos de arquiteto, sob ameaça de morte iminente.

Mandado para a Suíça, em busca de bom clima e cura, deu-lhe para poeta, seguindo as brincadeiras que aprendera menino, em casa, no Recife e no Rio, com o pai, figura imaginosa e boa. O mau destino fez dele o que quis, mas a morte não veio. E o poeta foi ficando. Dado a alumbramentos em seu quarto pobre de solteirão solitário, inventou um estilo humilde para falar simplesmente de coisas cotidianas, embora sempre visitado por momentos de volúpia ardente e a obsessão constante da morte.

Este livro, de enredo quebrado pela análise e longos comentários críticos, ensaia a interpretação de seu mito: através da humildade, da paixão e da morte — nos temas, nas atitudes, na linguagem. No fundo, busca sua concepção de poesia: talvez o meio que tenha descoberto para aprender a morrer.

ARCABOUÇO

Borges, provavelmente num momento de tédio, mas com a habitual lucidez, se referiu à tarefa cansativa e inútil que é a de escrever livros longos. Ao ocupado leitor de nossos dias, decerto não desagradará a solução que propôs: substituir a vasta argumentação por um breve comentário do argumento principal.

Não é esse, porém, o caso deste livro, que levou anos para ser pensado e um bom tempo para ser escrito, estendendo-se por muitas páginas mais

do que as imaginadas a princípio, como se quisesse acompanhar de perto a obra de um poeta, que fez dela a vida inteira. Tem, no entanto, a seu favor, o modo de construção, que é o de uma estrutura bastante livre e móvel, formada de ensaios sucessivos, integrando-se num arcabouço unitário, mas com relativa autonomia individual e caráter, até a medida do possível, conclusivo.

É bem provável que muitos se dêem por satisfeitos antes de chegar ao cabo da armação completa. Não posso lamentar a desistência razoável. Espero, todavia, que não se faça assim e se possa achar algo para pensar e algum prazer, querendo chegar ao fim, com a imaginação do projeto acabado, desenvolvido em minúcias exatamente no meio, entre estas páginas iniciais e uma inexistente conclusão. Esta, sim, dispensada, para felicidade geral, pelo próprio feitio dos ensaios que compõem o todo, suficientes em si mesmos, com núcleos idênticos ou parecidos e o ar de família, além do que, nos últimos, algum eco se encontrará dos primeiros.

A divisão em três grandes partes se deve sobretudo a uma diferença de ênfase no tratamento e não propriamente a um abandono dos respectivos temas, de modo que os ensaios crescem em número, multiplicando e matizando os pontos de contacto, alastrando as bases da construção, cada vez mais articulada (assim espero), como se fossem partes de um mesmo enredo, em desenvolvimento para um fim comum. As análises dos poemas cuidam da variação e do movimento, cada qual nascendo em adequação estrita às exigências internas do objeto em foco, ao mesmo tempo que fincam os pilares básicos do todo arquitetado.

ITINERÁRIO

O fulcro principal do projeto é a tentativa de compreender o processo pelo qual uma experiência particular, historicamente determinada, toma uma forma poética concreta, de caráter simbólico e validade universal, no poema. Buscando penetrar no sentido da transposição estética de uma experiência específica, o livro é um ensaio — montagem de ensaios — sobre os modos de estruturação da lírica, as mediações que ela implica e, ao mesmo tempo, uma tentativa de decifração pela leitura — de interpretação crítica — do que significa esse processo como um todo, no quadro especial em que foi concebido: o do itinerário de um poeta que passou sua longa vida sempre por um fio, sob a ameaça de uma doença em princípio fatal, compondo a obra — *Estrela da vida inteira* — que parecia dar significação à sua existência.

Que significou para esse grande poeta, introdutor das formas da poesia moderna no Brasil, a poesia? Como a concebeu? Com que sentido? Que relações mantêm entre si a forma poética de seus versos, sua concepção do

fazer poético, isto é, sua poética, e a idéia de uma existência marcada pelo sentimento de finitude?

Tendo por objeto uma poesia “de circunstâncias e desabafos” como a de Manuel Bandeira, o ensaio lida com as relações complexas e sutis entre o mundo vivido e o meio lingüístico peculiar que é a linguagem poética, pois seu foco de interesse é o enigma verbal em que se cifra um destino vital e poético, a configuração estética de uma certa ordem da experiência. Lírica e experiência, eis a questão, mas na forma do poema.

Penso, como disse Mallarmé, referindo-se à poesia, e Adorno às artes em geral, que toda obra de arte tem caráter enigmático e mesmo a compreensão mais adequada que dela se possa ter não esgota o enigma. “Resolver o enigma equivale a denunciar a razão de sua insolubilidade”, diz o pensador em sua *Teoria estética*. Conseqüentemente, se pode inferir que um meio de abordar, de maneira compreensiva e adequada, uma obra como a que está em jogo é refazer o itinerário da pergunta que ela nos coloca em sua exigência de ser compreendida, tentando penetrar pela análise no seu modo de ser mais íntimo, até desvendar as relações constitutivas entre a experiência particular e a estrutura verbal do enigma.

Para isso, nada melhor que adotar a forma crítica por excelência que é o ensaio, indagador e tateante, inquisitivo em sua busca de compreensão, mas suficientemente descontínuo e aberto para acolher em seu meio o insolúvel, com seu persistente chamado do que não se pode alcançar, das “inacessíveis praias”, tão bandeirianas. Limite, desafio e risco do projeto crítico.

O livro busca penetrar, assim, pela análise e a interpretação, no universo poético particular de Bandeira. Quer compreender como nele se integram e tomam forma orgânica relações significativas entre uma concepção geral da lírica e da natureza e uma específica prática poética, configurada num *estilo humilde*, fruto lentamente amadurecido de uma longa e complexa experiência do mundo e da arte.

Tomando um traço distintivo da forma de expressão madura do poeta — a simplicidade natural —, ele investiga as relações desse traço estilístico com a atitude de humildade diante da vida e da poesia, tentando descobrir, pela contextualização, suas determinações históricas, seus vínculos com a tradição literária, sua significação, o que equivale a ler seus significados dentro de um determinado horizonte de sentido, onde a morte surge como limite e sanção — enigma maior. Por essa via, tenta mostrar como o ideal da poética de Bandeira é o de uma mescla estilística inovadora e moderna, uma vez que persegue uma elevada emoção poética através das palavras mais simples de todo dia. Para o poeta, o *alumbramento*, revelação simbólica da poesia, pode dar-se no chão do mais “humilde cotidiano”, de onde o poético pode ser *desentranhado*, à força da depuração e condensação da linguagem, na forma simples e natural do poema.

Atento aos instantes de paixão reveladora, em que amor e morte poeticamente se iluminam, mas debruçado sobre a operação concreta da forma em que o complexo se faz simples, o ensaio, por fim, se arrisca na sondagem do sentido último e mais geral de todo o itinerário bandeiriano: como sua poesia meditativa, erótica e elegíaca se torna ao mesmo tempo uma forma de imitação da natureza e um meio humilde de preparação para a morte.

*

Na verdade, o ensaio busca todo o tempo as articulações entre o particular e o geral, mantendo um movimento constante do olhar crítico que procura ver no pequeno o grande e neste, o pequeno. Este movimento, muito acentuado em toda crítica estilística, como se observa nas análises modelares de Leo Spitzer ou em Erich Auerbach, pela necessidade de se envolver no mesmo círculo da compreensão desde o detalhe da formação lingüística da obra até o máximo raio de ação de seus significados, pode ser, decerto, encarado como uma decorrência da própria natureza das relações entre o abstrato e o concreto na poesia, tantas vezes vista sob a forma do universal concreto.

De qualquer modo, neste caso, o deslocamento da perspectiva crítica, nem um pouco abstrato ou arbitrário, nasceu de uma necessidade interna da abordagem de se adequar ao modo de ser e ao ritmo profundo da obra de Bandeira, poeta por vezes considerado equivocadamente menor (como ele, aparentemente, se considerava), mas, realmente, dos maiores que produziu a lírica em língua portuguesa. É que nesse movimento se descobre o esforço para *desentranhar* a poesia característico da obra bandeiriana, ela mesma marcada pelo paradoxo da forma de revelar o que tende a se ocultar. Na visão teórica do poeta e em sua prática específica do poema, a poesia é feita de “pequeninos nadas”, mas se abre, pelo clarão do alumbramento — eclosão da emoção poética — ao que, com Valéry, se poderia definir como uma “sensação de universo”. Por outro lado, pelo próprio modo de ser de seu estilo humilde, o grande tende a se ocultar no pequeno, assim como o complexo no simples. De repente, a exemplo do que ocorre com o poema “Maçã”, analisado um pouco adiante, o infinitamente grande se revela no interior do infinitamente pequeno, do mesmo modo que uma concepção geral de poesia toma forma específica no poema.

Conjugada a esse movimento, a operação crítica da análise por assim dizer se empenha em desmanchar o poema até os detalhes significativos, da mesma forma que a interpretação busca reintegrá-los no todo. À primeira vista, pode chamar a atenção do leitor a utilização heterodoxa do comentário crítico, em geral apenas uma explicação prévia e exterior de dados objetivos do texto que possam impedir a compreensão dos elementos internos

e sua organização estrutural, alvos da análise e da interpretação. Aqui, porém, o comentário parece abrir-se a toda sorte de materiais: indagações gerais da teoria poética; aproximações entre poesia e pintura ou entre poesia e música; elementos da biografia e da vida literária; referências à tradição literária, ao contexto histórico-social etc.

Todos esses dados, na aparência só informativos, periféricos ou laterais, podem sugerir uma tendência à digressão ou à extrapolação por excesso de meios. Na verdade, entretanto, eles servem a um esforço de contextualização e particularização decisivo para que se cumpra o movimento entre o particular e o geral e a integração das partes no todo. O comentário não é apenas um levantamento esclarecedor de aspectos teórico-críticos e factuais, mas um fator de integração crítica na consideração do processo constitutivo da lírica bandeiriana, armando uma estratégia mais geral para análise e preparando a direção do movimento interpretativo, que busca apreender o todo. É, pois, um recurso fundamental do método de trabalho, que procura proceder dialeticamente, acumulando dificuldades a cada passo para melhor superá-las. Essa dinâmica corresponde a uma visão que se quer inclusiva da obra literária e a uma tentativa de compreensão tanto quanto possível integradora, lastreada num ponto de vista histórico, para o qual a autonomia da obra é relativa, avança com o processo histórico moderno, definindo-se a cada momento diante do que lhe é heterogêneo. *Por assim entender, cada poema é reconhecido como uma mônada, mas isto não lhe tira o caráter problemático, pois no processo mesmo de constituição de sua forma monadológica esta vai além de si mesma. Não pode ser absolutizada e deve abrir-se à reflexão social, sem a qual não pode ser compreendida em si mesma como forma particular de um determinado conteúdo.* A análise imanente, praticada com o máximo rigor com relação à relativa autonomia da estrutura estética, encontra, porém, o seu limite, e o comentário funciona aqui como um instrumento crítico para transcendê-la, precisamente pelo que contém de relativo.

A articulação dessas três operações fundamentais da abordagem crítica — o comentário, a análise e a interpretação — é, então, buscada em cada um dos ensaios, de modo a transformar cada um deles numa tentativa de apreensão do todo. Através da desmontagem, contextualização e remontagem das partes (movimento com que se espera produzir o inteligível), cabe a cada ensaio individual a função de resumir, esquematicamente, e ao mesmo tempo, generalizar a partir do detalhe concreto a visão da totalidade, enredada entre todos.

Assim, nas três partes do livro, as três operações se combinam em cada um dos três ensaios. Todos centrados em poemas e, uma só vez, na prosa de Bandeira, não para se reduzirem ao exame acabado de estruturas verbais autônomas, mas para tentarem, pelo móvel tateio, o reconhecimento do sentido que tudo atravessa.

Ao leitor, se pede ainda mais do que paciência: o gosto e o esforço da decifração, de seguir o movimento dos ensaios em busca de algo que se esquiva, entranhado nos poemas, mas pode, quem sabe, revelar-se como uma iluminação. Foi o que senti, ao ler muitas vezes, sempre com prazer, a poesia de Bandeira. Este livro é um pouco a história dessa leitura.